

“Aqui criei minha família e tive meu dinheiro”: relações de gênero e interseccionalidades no setor alimentício do Ver-o-Peso em Belém/PA

“Aquí crié mi familia y tuve mi dinero”: relaciones de género y interseccionalidades en el sector alimentario de Ver-o-Peso en Belém/PA

“Here I raised my family and had my money”: gender relations and intersectionalities in the food sector of Ver-o-Peso in Belém/PA

Andréa Silva de Melo

Daniela Ribeiro de Oliveira

Luísa Maria Silva Dantas

Resumo: Este trabalho objetiva compreender experiências e vivências de boieiras – que são mulheres que trabalham no setor alimentício e, predominantemente pobres e negras – da feira do Ver-o-Peso, na cidade de Belém/PA. A pesquisa faz parte da dissertação de mestrado que conta com a perspectiva socioantropológica de inspiração etnográfica, a partir de relações desenvolvidas com as feirantes e produção de narrativas biográficas (ECKERT; ROCHA, 2013) em torno de suas trajetórias sociais (BOURDIEU, 2007). O labor diário na feira se une a outros conflitos e obstáculos, como a Covid-19, que interrompeu as atividades e a adoção de estratégias de sobrevivência, e a COP 30, que gerou uma remodelação de espaço e de trabalho na feira, vulnerabilizando ainda mais as feirantes diante da precariedade do trabalho e da desigualdade de gênero na Amazônia.

Palavras Chave: Desigualdade de gênero. Informalidade. Alimentação. Ver-o-Peso. Amazônia.

Resumen: Este estudio objetiva comprender experiencias y vivencias de trabajadoras de alimentos – mujeres que venden comida y predominantemente pobres y negras – en la feria de Ver-o-Peso, en la ciudad de Belém/PA. La investigación es parte de maestría que se apoya en una perspectiva socioantropológica de inspiración etnográfica, basada en las relaciones desarrolladas con las vendedoras y la producción de narrativas biográficas (ECKERT; ROCHA, 2013) alrededor a sus trayectorias sociales (BOURDIEU, 2007). El trabajo diario en la feria se suma a otros conflictos y obstáculos, como la Covid-19, que interrumpió actividades y la adopción de estrategias de sobrevivencia y la COP 30, que generó una remodelación del espacio y el trabajo en la feria, haciendo a las vendedoras aún más vulnerables dada a la precariedad del trabajo y la desigualdad de género en la Amazonía.

Palabras Claves: Desigualdad de género. Informalidad. Alimentación. Ver-o-Peso. Amazonía.

Abstract: This study aims to understand the experiences and habits of women food workers – who work in the food sector and are predominantly poor and black – at the Ver-o-Peso fair, in the city of Belém/PA. The research is part of my master’s degree which has a socio-anthropological perspective inspired by ethnography, based on relationships and the production of biographical narratives (ECKERT; ROCHA, 2013) around their social trajectories (BOURDIEU, 2007). The daily work at the fair adds to other conflicts and obstacles, such as Covid-19, which interrupted activities and the adoption of survival strategies, and COP 30, which led to a modeling of space and work at the fair, making them even more vulnerable in the face of the precarious work and gender inequality in the Amazon.

Keywords: Gender inequality. Informality. Food. Ver-o-Peso. Amazonia.

Andréa Silva de Melo – Mestranda em Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA). E-mail: andrea.silva.melo30@gmail.com

Daniela Ribeiro de Oliveira – Doutora e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e bacharel em Ciências Sociais pela mesma universidade. E-mail: danicso02@gmail.com

Luísa Maria Silva Dantas – Pós-Doutora e Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: luisadantas@ufpa.br

INTRODUÇÃO

Muitos falam sobre a grandiosidade da Amazônia, mas sem entender de fato a potência que ela representa. Considerada o maior bioma brasileiro¹, ainda é retratada de forma exotizada, generalizada e universal, unindo somente fauna e flora, deixando de lado as pessoas e os diferentes modos de vida que integram a região e que a transformam em uma conexão de culturas, conhecimentos, resistências, costumes e trajetórias plurais no Brasil.

A ideia equivocada de que o território amazônico é habitado somente por indígenas, ou que todos “vivem na floresta” ou que somos “atrasados ou selvagens”, ainda permeiam os pensamentos de quem mora em outras regiões. Os trabalhos do antropólogo Rafael Noleto (2018), sobre os concursos de *miss* nas festas juninas em Belém/PA, e dos pesquisadores Suellen Barroso e Jordeanes Araújo (2010), sobre a festa do boi-bumbá em Parintins/AM, também são exemplos que criticam a forma como essas festividades são apresentadas como representações magnificadas e estereotipadas da “cultura amazônica”.

Na região norte do país, no berço dessa “amazonidade plural”, especificamente, no Estado do Pará, a cidade de Belém é uma metrópole carregada de histórias e de revolução popular, como a Cabanagem. É banhada por rios e sua origem está atrelada à época da economia da borracha, mas que coexiste até hoje, em junção com a natureza, povos e culturas que transformam e fortalecem essa região cotidianamente, sejam nas danças, nas culinárias, nas linguagens, nas religiosidades e nas atividades econômicas resistentes como as feiras livres.

O Complexo do Ver-o-Peso, considerado a maior feira à céu aberto da América Latina (SILVA, 2007) e importante centro de abastecimento de hortifrutigranjeiros e pescados da região paraense, também possui um papel simbólico e representativo local muito importante, como um território heterogêneo, de troca de saberes e sabores, que une relações sociais de reciprocidade e práticas tradicionais que fazem parte da vida do paraense. Esse intercâmbio regional e econômico se consolida como um dos cartões-postais mais importantes de Belém, também traz consigo o que Weber (1987) descreve a noção econômica de cidade como um “local de mercado”.

É importante ressaltar que o seu surgimento histórico está relacionado à fundação da própria cidade de Belém, em 1616. A Baía do Guajará, um dos principais rios que permeiam a cidade, também era o principal ponto de chegada e partida de barcos que fomentavam a economia local e, assim, foi instalado um entreposto comercial e fiscal denominado “Lugar de Ver-o-Peso” que pesava e tabelava as mercadorias que ali estacionavam (LEITÃO, 2013). De lá para cá, o Ver-o-Peso foi se reestruturando, crescendo, desenvolvendo, mas sem perder o caráter principal de lugar onde tudo e todos se encontram.

Atualmente, o Complexo possui uma área de 25 mil metros quadrados que inclui o Boulevard Castilhos França², o Mercado de Carne e o Mercado de Peixe, o casario³, as praças do Relógio

¹ “Representando dois terços das florestas naturais do Brasil e cobrindo quase 50% do território brasileiro, a Amazônia é o maior bioma do País. Com extensão aproximada de 421 milhões de hectares, sendo a principal floresta tropical do mundo, o ecossistema concentra uma vasta biodiversidade”. Disponível em: <<https://portal.pucrs.br/blog/dia-da-amazonia/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

² Principal avenida que integra o Complexo do Ver-o-Peso, tombado pelo IPHAN, em 1977, que inclui o Mercado da Carne, a Praça do Relógio, a Doca, a Feira do Açaí, a Ladeira do Castelo e o Solar da Beira, a Estação das Docas e a Praça do Pescador.

³ Conjunto de casarões antigos e sobrados de conservação variada com lojas comerciais nos térreos. Elas fazem parte do patrimônio histórico e artístico da cidade de Belém.

e Dom Pedro II, a Doca de Embarcações, a Feira do Açai e a Ladeira do Castelo (IPHAN⁴, c2014), e, recentemente, foi realizada a revitalização do Solar da Beira, tornando-se um espaço de exposições culturais.

As feiras livres na região amazônica, possuem um papel fundamental na construção e formação histórica, funcional, espacial, geográfica e social, sendo assim diferenciadas das demais feiras brasileiras (MEDEIROS, 2010). As relações sociais e o labor estão presentes, este último como o único meio de sobrevivência que une gerações, pessoas e famílias, que foram profundamente abaladas pela pandemia em 2020. Em 2023, conforme os jornais locais⁵ e confirmado pelo prefeito municipal na época, Edmilson Rodrigues (PSOL), Belém foi escolhida como a sede da COP 30⁶ em 2025 (PIMENTEL, 2023), fazendo com que as obras de reformas e intervenções urbanas nos pontos centrais da cidade, incluindo o Ver-o-Peso, no início de 2024, ocasionassem interferências no cotidiano da feira e dos feirantes.

O Ver-o-Peso representa uma segunda casa e uma segunda família para os trabalhadores que laboram no local, fazendo com que, no período de isolamento/distanciamento social pela Covid-19, esse vínculo de sociabilidade (SIMMEL, 1983), afetividade e pertencimento, também sofresse limitações e interrupções em virtude da proliferação do vírus, ocasionando a adoção de medidas emergenciais para conter o avanço da doença e o aumento dos números de contaminados e de óbitos na capital, visto que o risco de morte afetou incisivamente as populações mais vulnerabilizadas (WERNECK, 2021).

Para as mulheres que trabalham na feira, a situação ficou ainda mais difícil durante o esse período. No setor alimentício, popularmente conhecido como das “boieiras”, a maioria das mulheres são mães-solo e chefes de família, fazendo com que diariamente enfrentem dificuldades e obstáculos referentes ao gênero e demais interseccionalidades na feira. Assim, tiveram que adotar estratégias de sobrevivência para continuar sustentando e mantendo suas famílias.

1. Relações de Gênero e Interseccionalidades⁷ no Ver-o-Peso: a divisão sexual do trabalho e o protagonismo feminino na feira

O Ver-o-Peso é dividido em vários setores específicos, além da organização e estruturação. A antropóloga Wilma Leitão (2013) acrescenta que a grande reforma do Ver-o-Peso, concluída no ano de 2002, atribuiu à feira um aspecto mais organizado, por conta da estrutura de pavilhões especializados em produtos, sendo dividido do mais perecível ao mais durável (frutas e verduras, camarões secos e uma variedade de farinhas).

O Decreto Municipal nº 26.579/1994 dispõe sobre o funcionamento de feiras livres no município de Belém e em seus artigos estabelece regras de organização, padronização, administração, permissão e formalização de feirantes, assim como multas e demais penalidades. O que demonstra o caráter normativo estabelecido pelo Poder Público para garantir a organização das feiras livres e dos feirantes e fregueses que permeiam o local.

⁴ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁵ Exemplo foi o jornal *O Liberal*, que noticiou a matéria sobre a escolha da cidade como sede da COP 30 “Belém é escolhida como sede da COP 30; anúncio foi feito pelo presidente Lula; vídeo”. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/cop-30/presidente-lula-anuncia-belem-como-sede-da-cop-30-1.685736>>. Acesso em: 10 out. 2024.

⁶ 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima

⁷ Interseccionalidade é um conceito da teoria crítica de raça criado pela advogada americana Kimberlé Crenshaw para analisar a estrutura que une o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado, e que atingem mulheres negras diante da sobreposição de gênero, raça e classe e da modernização colonial (AKOTIRENE, 2019).

Os feirantes são peças fundamentais na feira, cujas vidas estão entrelaçadas com a própria história do Ver-o-Peso. São homens, mulheres, LGBTQIAP+, pretos, pardos e brancos que compõem os trabalhadores da feira. Desde pessoas mais antigas que nos contam as transformações que a feira sofreu no decorrer dos anos, até os mais novos que chegam e logo têm de aprender o ritmo que só a feira tem. Com o tempo, vão elaborando suas próprias estratégias de comércio e venda no lugar.

Focamos a pesquisa no setor das “boieiras”, que é reconhecido pela gastronomia amazônica local e muito frequentado por turistas. A interlocutora “Maria”⁸, cuja família é antiga no setor, contou que:

Trabalhando na cozinha, o saudoso Paulo Martins que era o dono do restaurante Lá em Casa, fez um festival na feira com as boieiras, o Festival da Cozinha Paraense, e dentro desse tinha o jantar das boieiras e cada uma trabalhava com a paella... Então o nome “boieira” quem deu esse nome foi ele. Eu te confesso que eu não gostava desse nome, me dava uma raiva, e depois meu amigo me perguntou “por que tu não gostas? Sabes o que é boieira?”, eu falei “porque é a mulher do boi”, aí ele “não, boieira é uma mulher que faz boia boa, tua boia é boa”... Pronto, hoje somos conhecidas como as boieiras.

Percebemos a predominância de mulheres trabalhando no preparo e no fornecimento dos diversos pratos regionais. São mulheres de várias idades e gerações, donas e/ou funcionárias dos boxes que estão instalados no local e que sofreram mudanças e interrupções nos modos de vida e de trabalho, ocasionados pelo novo Coronavírus e perpetuando, no “pós-pandemia”, com a chegada da COP 30, que desencadeou uma grande reforma em todo o mercado.

A pesquisa faz parte da dissertação do mestrado em andamento e conta com a perspectiva socioantropológica de inspiração etnográfica, a partir de relações e produção de narrativas biográficas (ECKERT; ROCHA, 2013) em torno das trajetórias sociais (BOURDIEU, 2007) das feirantes, além de identificar os sentidos e interpretações que as trabalhadoras desenvolvem a respeito do trabalho cotidiano realizado. Além do tempo em campo, foi aplicado roteiro semiestruturado com 8 boieiras divididas entre 4 donas de boxes e 4 funcionárias destes, das quais algumas serão mencionadas no artigo, de modo intercalado ao longo do texto.

É evidente e explícita a divisão sexual do trabalho hierarquizada na feira. Nos vários dias andando por ali, antes de chegar no setor da pesquisa, percorremos os lugares do mercado e notamos que cabem às mulheres algumas atividades e, aos homens, outras. Exemplos são os setores das erveiras, das hortaliças e os das “boieiras”, que são predominantemente ocupados por mulheres; já no Mercado do Peixe e na Feira do Açaí, a presença de homens é maior.

Uma feirante do setor de polpas e sucos explicou sobre essa divisão: “É por causa do peso, lá é mais pesado, tem mais homem pra carregar”. Já a boieira “Olga”⁹ que trabalha em um dos boxes do setor, respondeu que: “Tem muita mulher trabalhando aqui na comida, mas não vejo muito homem não, só gay que trabalha aqui também”. Ao longo da pesquisa, observamos a presença de homens no setor alimentício, mas estão divididos em: maridos, fornecedores, filhos e funcionários. Já entre estes, três eram LGBTQIANP+ e trabalhavam nos boxes do setor. Esse fato nos chamou muito a atenção, mas que ainda não aprofundamos na discussão, porém indica como o labor é conduzido e dividido nesse setor.

⁸ Nome fictício para preservar o anonimato.

⁹ Nome fictício para preservar o anonimato.

A historiadora norte-americana Joan Scott (1989, p. 21) afirma que: “um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção de gênero”. Já a filósofa brasileira Helena Hirata e a socióloga francesa Danièle Kergoat (2007) definem o conceito de divisão sexual do trabalho como:

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIRATA e KERGOAT, 2007)

A questão racial também aparece na feira, de modo implícito nas conversas com as interlocutoras e não é, aparentemente, o ponto central do cotidiano delas. Ao perguntá-las como se autodeclaravam, ouvimos como resposta “morenas” ou pardas, às vezes até com um tom de resposta meio tímido ou envergonhado, com um certo receio e até demonstrando desconhecimento sobre o tema.

A categoria “morenidade”, advinda da ideologia do branqueamento, esconde e nega a existência de uma negritude na região amazônica diversa e múltipla (CÂMARA, 2017; CONRADO, 2022). Torna-se o padrão aceitável, tornando o corpo negro objeto de repulsa, autonegação e subordinação em classes mais exploradas (AMADOR DE DEUS, 2011; GONZALEZ, 1988). Quanto à autodeclaração, das 8 boieiras que responderam sobre o assunto: quatro se autodeclararam pardas, uma se autodeclarou morena, duas se autodeclararam negras e uma não quis se autodeclarar, pois me respondeu que: “*é igual como qualquer outro*”.

O historiador e antropólogo Vicente Salles (1971) afirma que a contribuição cultural negra foi diminuída e até negada no conjunto de valores constitutivos amazônicos e que, por vários fatores político-sociais, como a “mestiçagem”, apresentou percentuais irrisórios onde já foi determinante, como ter sido a maior parte étnica da população belenense em 1822, ano da independência do Brasil.

Isso se mostra ainda mais evidente com a existência de pelourinhos na capital paraense no século XVIII (ANDRADE, 2022), como no Ver-o-Peso, onde atualmente se concentra o Mercado de Carne, em que escravizados saíam dos navios, eram examinados e seguiam para o interior do Estado (SILVA, 2020). A finalidade desses lugares, situados em portos, era a punição e a comercialização de escravizados que desembarcavam na área que era conhecida como “praia”, como também detalha Salles (1971):

Mais tarde, em torno da doca do Ver-o-Pêso, vários estabelecimentos particulares se dedicaram à mercancia de escravos. Ali, em 1771, o governador Fernando da Costa de Ataíde Teive, mandando sanear o desaguadouro do Piri, determinou a construção de um lagamar, onde também haveria estância segura e independente da guarda dos escravos: é a atual Doca do Ver-o-Pêso.

O Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), mostrou que a capital paraense conta com mais de 76% da população autodeclarada negra (pretos e pardos), evi-

denciando que Belém é uma cidade negra, apesar de todo o apagamento histórico. As feiras livres surgem então, como destinos de labor e obtendo a maior concentração de trabalhos informais, e o Ver-o-Peso, é um espaço de grande representatividade cultural, social e econômica na cidade, diariamente frequentado por grupos heterogêneos de pessoas, porém, predominantemente visitado por pessoas negras (PINHEIRO; RODRIGUES, 2020).

A questão de classe também se apresenta na feira. O Ver-o-Peso está localizado geograficamente no centro de Belém, tornando o percurso de quem mora nas periferias e em bairros ou municípios distantes ainda mais difícil e cansativo para quem precisa se locomover. Todo dia, os feirantes saem cedo de seus lares, na maioria, longínquos, para chegar e preparar tudo antes do início das vendas, demonstrando a realidade do que é viver sob a égide da desigualdade social e da segregação urbana. Os bairros que algumas interlocutoras residem são: Terra Firme, Tapanã, Telégrafo, Mosqueiro, Guamá e Jurunas.

Assim, as trabalhadoras do Ver-o-Peso se veem diante de problemáticas sobre a vida, trabalho e família, discutindo também outras as interseccionalidades presentes no mercado, mas que também é imbuído de conflitos e obstáculos, como, por exemplo, a chefia-solo de suas famílias, jornadas exaustivas de trabalho, disputas de clientela, violências, assédios, baixos salários, doenças relacionadas ao trabalho, infraestruturas inadequadas, ambientes insalubres, divergências com outros feirantes e com o Poder Público diante da fiscalização e da regularização dos boxes, o evento crítico (DAS, 1995) da Covid-19 e o vindowo da COP 30.

A importância do setor alimentício é tão grande para o Ver-o-Peso que foram promulgadas, em 2018, duas Leis Municipais pela Prefeitura de Belém (Lei nº 9.393 e Lei nº 9.395), atribuindo às “boieiras” e aos demais feirantes do Ver-o-Peso, o título de Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém.

O setor de alimentação é dividido em duas partes: uma que fica perto do calçadão da Avenida Boulevard Castilhos França, sendo de refeições mais rápidas, como salgados e sucos (o famoso “completo”), açaí com peixe frito e bebidas, em geral. Alguns boxes na parte interna desse lugar oferecem pratos prontos, mas o açaí é a comida preferida dos frequentadores.

Já na parte superior do setor, subindo uma escada (ou rampa ou plataforma, como as feirantes chamam), tem o outro lado do setor alimentício, popularmente conhecido como das “boieiras”. As comidas nesse setor são variadas e regionais, porém, os pratos são mais “sofisticados” e os preços mais elevados. O professor e antropólogo Tiago Silva (2007, p. 43) descreveu o aroma característico e a diversidade de alimentos do setor na feira:

À medida que nos aproximamos das barracas de alimentação, um dos maiores setores da feira, é praticamente impossível não sentir os aromas da culinária paraense, expressa em seus pratos típicos. Diversos pratos típicos são servidos: peixe-frito com açaí, pato no tucupi, maniçoba, vatapá, caruru, tacacá; e refeições consumidas no dia a dia com mais frequência: sopa, caldo, carnes assada e cozida.

Há a presença de redes sociais e de pertencimento horizontais (entre boieiras de boxes vizinhos) e/ou de gerações familiares dividindo o mesmo espaço (filhas, netas e funcionários/as), tornando-o um ambiente diverso de heranças e transmissão de saberes gastronômicos e de susten-

to familiar que transformou esse setor da feira em referência nacional e internacional de culinária amazônica.

No começo da semana (segundas e terças-feiras) o movimento é mais calmo e é possível admirar a paisagem do rio com tranquilidade e quase silêncio, situação essa que muda, principalmente nos finais de semana, quando o clima boêmio toma conta do lugar. Enquanto as manhãs são reservadas para os almoços, os fins de tarde são destinados ao consumo de bebidas e “tira-gostos”, em que vários trabalhadores (da feira ou não) param nos boxes para beber e/ou confraternizar com amigos, familiares ou amores. O público é variado dependendo do dia da semana ou do horário, pelas manhãs são frequentados principalmente por famílias com crianças e, à tarde, por jovens e trabalhadores.

2. As Dificuldades e os Obstáculos de Ser Mulher na Feira: trajetórias sociais e vivências de boeiras no Ver-o-Peso

As mulheres da feira enfrentam dificuldades diariamente, seja dentro ou fora do espaço público e, no setor das “boeiras”, a tarefa de servir é a mais visível, desde o preparo das quentinhas (pratos feitos) e dos pratos típicos da culinária paraense (vatapá, maniçoba, peixe-frito e açaí), cujos produtos utilizados são também comprados no Complexo (LEITÃO, 2013) até o atendimento aos fregueses, sendo conhecedoras da produção, armazenamento e comercialização de suas mercadorias, mantendo o lugar em funcionamento por 24 horas, sendo o horário de almoço, o de maior circulação de pessoas e serviços.

As mulheres negras estão na base da pirâmide socioeconômica, abaixo até dos homens negros e, por isso, apresentam particularidades que se expandem à categoria universal “mulher” que desqualifica as dores e violências cometidas contra os corpos femininos negros (CRENSHAW, 2004; DAVIS, 2016; GONZALEZ, 1988; BENTES, 1993). Assim, no âmbito trabalhista, a dificuldade em conseguir um emprego formal e estável é ainda maior, fazendo com que a informalidade na feira seja o principal destino de sobrevivência desde muito cedo.

A pesquisadora Mayara Silva (2021), em sua dissertação de mestrado sobre as mulheres do setor informal no Ver-o-Peso, identificou que: “Assim, as vidas de nossas interlocutoras são marcadas por cruzamentos entre a falta de condições financeiras, instabilidade e desregulamentação do mercado de trabalho, ausência de oportunidades de ascensão, baixo nível de escolaridade, administração do lar, como “chefes de família” e dupla jornada de trabalho”.

A história da chegada à feira de cada mulher feirante perpassa a amizade – vizinho(s) ou conhecido(s) – ou familiaridade (pai/mãe, tio/tia, irmão/irmã) com alguém que já trabalhava no local e as levam para trabalhar na feira, cujo primeiro trabalho é na condição de funcionárias de outros feirantes, até conquistarem seus espaços e conseguirem os seus próprios boxes, tornando-se elementos fundamentais para o funcionamento do mercado. A seguir, destaco as histórias e trajetórias de algumas “boeiras” do Ver-o-Peso:

“*Neusa*”¹⁰, mulher, negra, mãe-solo de 4 filhos, trabalha no box há 5 anos e é pessoa de confiança da dona do box, ela mesma contrata as funcionárias, explica o funcionamento do trabalho e as regras para ficar lá e diz que chegou na feira por um conhecido. Ela conta que não é fácil trabalhar no lugar, pois começa no horário das 9 horas da manhã até às 23 horas da noite, todos os dias. Ela relata que teve que trabalhar na pandemia, mas quem recebeu o auxílio foi a dona do box que tem CNPJ:

¹⁰ Nome fictício para preservar o anonimato.

Aqui eu cozinho, administro o box e contrato as funcionárias. Já demiti uma funcionária por deixar a comida crua. Trabalhar na feira tem que ser mulher mesmo. Já até confundiram as coisas aqui. Um vendedor ofereceu R\$100,00 pra eu sair com ele e eu recusei. Eu quero que a minha filha mais velha estude, não quero que ela trabalhe aqui.

“Olga”¹¹, mulher negra, aposentada, 74 anos, uma das feirantes mais antigas e conhecidas por todos e pelo Poder Público, vinculada à Federação Nacional do Comércio e trabalha na feira há 54 anos, no ramo das comidas:

Eu tinha 22 anos e comecei lá na feira do açaí. Depois de 1 ano e meio eu consegui ter meu box. Aqui criei minha família e tive meu dinheiro, aqui é o sustento de muitas famílias, tem box que trabalha 5, 6 pessoas da família, a minha família é uma delas, aqui me deu tudo, mas nem todo mundo dar valor, tem gente mais nova que não dar valor a isso aqui. Eu tenho cliente de tudo quanto é lugar, até de fora do país. Já participei de um monte de concurso, o “Estrela Azul” só minha filha e outras feirantes participam. Eu já fui para São Paulo, Santa Catarina... Já fui pra um que tinham vários representantes e o nosso box foi o que acabou comida mais rápido. O Jacquin¹² comen lambendo os dedos! Aqui na pandemia foi muito difícil, sabe? Tive que fechar tudo! Peguei, mas não foi sério e me curei com remédio caseiro. Mas perdi muitos amigos aqui na feira.

“Diana”¹³, mulher parda, 34 anos, é funcionária de um box de boieira, também conta que chegou na feira por meio de outra pessoa:

Cheguei através de uma pessoa. Eu vinha só pra vender, como ela me ofereceu uma oportunidade para trabalhar e eu não estava trabalhando, eu fiquei aqui até hoje, mas não com ela, graças a Deus. Aqui eu atendo, bato conta e me viro nos 30. Logo no início, eu achava um pouco difícil, a gente é muito assediada. Pra ser sincera, tu tens que ter jogo de cintura pra tu ser mulher atendente aqui na feira. Porque se não tiver jogo de cintura, é foda, é complicado. E já aconteceu de um freguês querer passar do limite, eu corto na hora.

Dentre os inúmeros atores sociais presentes na feira, está o Poder Público, que atua por meio da fiscalização pela SECON (Secretaria Municipal de Economia) e em parceria com os cursos oferecidos pelo Sebrae¹⁴, cujo objetivo é transformar os feirantes em microempreendedores individuais (MEI¹⁵). Exemplo disso são as inúmeras atividades promovidas pelo órgão, realizadas no Ver-o-Peso e disponibilizadas aos feirantes, inclusive com incentivos, cursos e orientações sobre as “vantagens do empreendedorismo” e os trâmites para a formalização (G1 PARÁ, 2021¹⁶).

Assim, a ideia de “liberdade” oriunda dessa nova lógica de trabalho flexível, é contrastada pela imposição de poder e controle pelo Estado, desencadeando na individualização do trabalho

¹¹ Nome fictício para preservar o anonimato.

¹² Chef de cozinha francês e jurado no *reality show* gastronômico, “Masterchef”, veiculado pelo canal televisivo Band.

¹³ Nome fictício para preservar o anonimato.

¹⁴ Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

¹⁵ É a pessoa que trabalha por conta própria e ao se regularizar como pequeno empresário, é criado um CNPJ e recebe benefícios previdenciários e sociais, desde que siga os requisitos, como não possuir sócio(a), não ser sócio titular de outra empresa, não possuir filial, possuir um empregado(a) e entre outros.

¹⁶ Matéria jornalística do site G1 Pará, “Ver-o-Peso recebe Unidade Móvel do Sebrae”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/especial-publicitario/sebrae-para/compre-do-pequeno-amazonia-market/noticia/2021/08/20/ver-o-peso-recebe-unidade-movel-do-sebrae.ghtml>>. Acesso em: 07 abr. 2022

(CASTELLS, 2002), que transforma o indivíduo em uma “empresa de si mesmo”, em que organiza o seu curto tempo e define seu caráter pessoal (SENNETT, 2009). A feirante “Olga” diz que a relação com a Prefeitura e com a SECON é boa e que é cobrada uma taxa de R\$ 400,00 pela manutenção do box, podendo ser parcelado, mas que ela tinha isenção por ter mais de 60 anos de idade.

Problemas sanitários, infraestruturas inadequadas, insegurança, violências, disputas de clientela e outros fatores sempre foram impasses e afastaram muitos consumidores do local, demonstrando que, mesmo sendo um setor lucrativo, não escapa do descaso governamental. “Neusa” disse que a dona do box em que trabalha paga um vigia para proteger o box: *“Ela paga R\$ 40,00 pro vigia, porque tava tendo muito roubo de cabos. Agora que mudou”*.

A feirante “Olga” mencionou que: *“Todos nós pagamos um segurança que fica de dia e de noite, mais pela noite porque tava tendo muito roubo. Quando a fiação era por baixo, como roubavam. Melhorou agora, quando colocaram por cima”*. Porém, a sensação de medo também afeta a clientela do seu box: *“Não que seja perigoso, mas porque é muita gente, né? Tem que ter cuidado, aí acaba espantando cliente”*.

A posição que as feirantes ocupam na feira as vulnerabilizaram ainda mais com a suspensão das atividades na pandemia, visto que a maioria são mães-solo, cuja necessidade de renda para criar seus filhos é o principal motivo que as fizeram chegar à feira. O que demonstra que a situação econômica é um fato que pesa na relação do trabalho e não opção, sendo presente até hoje ao ser “dona do próprio box”, mas que contrastou com a realidade dura em lidar sozinha com as dificuldades e os custos que surgem, e, conseqüentemente, o fechamento dos boxes ou trabalhar “escondido” das autoridades locais durante a Covid-19.

3. Covid-19 e a COP 30 no Ver-o-Peso: estratégias de sobrevivência e resistência na informalidade

A pandemia causada pelo novo Coronavírus evidenciou a fragilidade da estrutura socioeconômica brasileira, fazendo com que a desigualdade social tomasse proporções ainda maiores ao atingir, sobretudo, os grupos mais vulneráveis, como a classe trabalhadora, seja por ser vítima da ausência de políticas públicas e pelo acesso restrito a serviços básicos de saúde, seja pela concentração desse grupo à trabalho em setores denominados informais.

Os antropólogos Carmem Izabel Rodrigues e Marcos Trindade Borges (2012) e a pesquisadora e cientista econômica Ana Laura dos Santos Sena (1999) afirmam que o trabalho informal em Belém absorve uma parcela significativa da população economicamente ativa. Esses trabalhadores geralmente são localizados próximos às grandes vias e corredores de circulação da cidade, assim como em praças, feiras e mercados.

Várias explicações corroboram sobre a discussão da informalidade, que apresenta diferentes abordagens, sendo desde a perda do emprego assalariado estável (SILVA, 2002) até a possibilidade de ser “dono do próprio negócio” (SENA, 1999), ou, mais precisamente, a polêmica em torno do surgimento da “figura do empreendedor”. Com a “modernização” capitalista, surgiram novos tipos de trabalho que recrutaram vários grupos sociais, principalmente os mais vulnerabilizados, como a população negra.

O sociólogo Fabrício Maciel (2012) afirma que os feirantes integram o que se denomina “nova classe trabalhadora” ou “batalhadora brasileira”, caracterizada pela intensificação da precariedade, da desqualificação e da informalidade. Estão divididos em “batalhadores empreendedores”

ou não, cujas semelhanças são: origem familiar estruturada, disposição para o trabalho esforçado e honesto (dignidade) e disposições econômicas básicas para cálculo e administração primários. Os “batalhadores empreendedores” se caracterizam por gerenciar seus próprios negócios, cujo elementos diferenciais são: disposição e cálculo para autossuperação e disposição para chefia e liderança.

Dessa forma, os trabalhadores informais do Ver-o-Peso sentiram os efeitos da pandemia em suas vivências e impressões, em todos os aspectos, apresentando dificuldades de se manter nesse período, desde na aquisição de materiais higiênicos (NASCIMENTO *et al*, 2020) até na influência nas vendas e consumos no local. Consequentemente, no primeiro semestre de 2020, uma testagem realizada pela Secretaria Municipal de Saúde junto aos trabalhadores das feiras do Ver-o-Peso e do Comércio de rua de Belém revelou um alto índice de contaminação, em 40% (UOL, 2020).

O “empreendedorismo” imposto pelo Estado, colocou os trabalhadores em uma categoria de “empreendedores por necessidade”, já que dependem do trabalho para sobreviver (LIMA, 2010) e a pandemia impactou na geração de riquezas para o país e no sustento dos feirantes, sendo vítimas da ausência e/ou ineficácia de políticas públicas, do racismo e da desigualdade social que transforma labor em mecanismo de sobrevivência, principalmente durante o período crítico da pandemia, que, em Belém, iniciou-se no primeiro semestre de 2020.

São também analisados sob a ótica sociológica da “informalidade precária”, por ser um ofício desprotegido, que não possui renda fixa e realizado em condições degradantes e de eficiência econômica reduzida e limitada, como os “camelôs” do comércio de Belém (PIRES, 2014). Entretanto, o sociólogo Válber de Almeida Pires (2014) também afirma que, com o surgimento da Nova Informalidade, novos aspectos foram inseridos, relacionados ao sistema flexível e globalizado, diretamente relacionado ao desenvolvimento capitalista, surgindo assim novas configurações no setor informal. Assim, o trabalhador sem gerência é subsidiarizado, muitas vezes, pela microeletrônica e passa a ter a responsabilidade sobre si mesmo e sobre o processo de trabalho (RAMALHO; SANTANA, 2004).

Alguns feirantes, sobretudo do setor alimentício, também alegaram estranhamentos com o mundo digital, em virtude da impossibilidade de acesso aos aplicativos de venda e a dificuldade financeira no custeio, entrega de alimentos e no pagamento de “motoboy” (JORNAL LIBERAL 1ª ED., 2020¹⁷), fazendo preferirem até hoje a venda física e pessoal. A professora e socióloga Andréa Chaves (2020) exemplifica que esses aplicativos demonstram uma falsa noção de independência em relação ao trabalho e à remuneração, porém submetem os trabalhadores a condições ainda mais precarizadas que a informalidade traz.

Dentre as alternativas de sobrevivência durante esse período, identificamos um conjunto de matérias jornalísticas – visto que estávamos em isolamento/distanciamento social – que destacaram as estratégias dos feirantes do Ver-o-Peso para a geração de renda nesse período, como as vendas por aplicativos para manter clientes (D’ALMEIDA, 2020¹⁸), como o “Ver-a-Feira” do Governo Estadual, o fortalecimento e crescimento de cooperativas e associações, como o “Feira Segura” do Senar/CNA (NASCIMENTO *et al*, 2020), os auxílios fornecidos pelo Estado, como a entrega de cestas básicas durante a paralisação das atividades (BAÍA, 2020) e o programa de crédito emergencial, denominado de Fundo Esperança.

¹⁷Matéria jornalística do *Jornal Liberal* 1ª edição, “Feirantes do Ver-o-Peso utilizam o delivery para continuar as vendas durante pandemia”. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8632692/>>. Acesso em: 21 out. 2021.

¹⁸Exemplo é a matéria jornalística do site do *Diário do Pará*, “Aglomerado de feirantes e consumidores no Ver-o-Peso não para”. Disponível em: <<https://www.diarionline.com.br/noticias/para/582070/aglomeracao-de-feirantes-e-consumidores-no-ver-o-peso-nao-para>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

Entretanto, nem todos os feirantes foram beneficiados pelos auxílios durante a pandemia, pois a feirante “Olga” respondeu sobre o recebimento do Auxílio Emergencial:

Nenhum, nadinha, eu não recebi porque sou aposentada, só as meninas que conseguiram auxílio emergencial. Eu não pedi, porque eu quis que deixasse pra quem mais precisa, sabe? Quem tava passando muita dificuldade. Aí eu pedi empréstimo e até hoje tô pagando, com juros altíssimos! Eu pedi cestas básicas pra Federação, pra ajudar os feirantes aqui e eles me ajudaram. Mas nem a Prefeitura ajudou nem nada aqui.

Passando esse período conturbado, novas mudanças ocorreram na feira, e também no setor das boieiras, demonstrando o ritmo frenético que o Ver-o-Peso possui. Inicialmente, o foco da pesquisa estava na Covid-19 e nas estratégias de sobrevivência das feirantes nesse período, mas logo ao final do campo, um outro evento surgiu, causando ainda mais conflitos e modificações no trabalho e na vida de todos ali, a COP 30.

Com o avançar das obras de reforma do Ver-o-Peso, vários setores fizeram uma espécie de revezamento e saíram de seus locais tradicionais. Os setores de maniva, polpas e sucos e boieiras foram para o estacionamento da feira, que fora interditado e denominado de “feira provisória”. Com isso, novos conflitos surgiram, principalmente em relação ao ambiente escolhido e na forma com que o Poder Público os deslocou sem nenhuma conversa prévia ou acordo sobre as mudanças que viriam. A boieira “Diana” conversou antes do box em que ela trabalha ser remanejado:

O espaço em si, tá se deteriorando, a gente quer mudança, mas não desse jeito que eles querem. Querem tirar a gente daqui pra jogar pra um lugar que não tem estrutura pra receber a galera, entendeu? É, as pessoas veem, mas só que agora com essa reforma que vai ter pra COP 30 piorou. É, fecharam o estacionamento como vocês podem ver, as pessoas querem vir e não tem onde estacionar e as pessoas, os poucos que tão vindo reclamam da estrutura, do calor. O Ver-o-Peso tá baixo, o calor a cada mês, a cada ano que passa tá aumentando, tá esquentando mais, pode ser inverno ou verão, tá quente. Aqui devia ter uma infraestrutura melhor e aquilo, a tendência é só piorar. Ok?.

Uma das reclamações mais faladas pelas interlocutoras, é sem dúvida alguma, o calor excessivo. Belém é uma cidade tropical, quente e úmida, mas nos últimos tempos alcançou um longo período de temperaturas elevadas e umidade relativa do ar bem baixa, tornando os ambientes de convívio e de trabalho bem agoniantes e secos.

A boieira “Helena”¹⁹ relata a preocupação do setor na feira provisória em impactar negativamente nas vendas das feirantes: “É muito quente, é muito quente. Hora de meio-dia, uma hora ninguém aguenta e às vezes o cliente chega e já quer almoçar pra ir embora, não quer ficar, porque tá muito quente, tá muito calor, mas a gente não pode fazer nada, né? A gente coloca ventilador, é três, quatro ventilador que é pra ver se ameniza um pouco”.

Até o encerramento das entrevistas, realizadas em 2024, as boieiras ainda não tinham retornado ao lugar tradicional (na parte de cima da feira, em frente ao rio). Entretanto, as mudanças vão ainda mais além, pois, durante as entrevistas, descobrimos que algumas boieiras, as donas de boxes, abriram restaurantes fora da feira e próximos ao centro da cidade. Dentre as entrevistadas, duas estavam com restaurante, em que uma estava montando e a outra tem até dois restaurantes, todos

¹⁹ Nome fictício para preservar o anonimato.

climatizados. Porém, essa trajetória de sucesso ainda não alcança as funcionárias, principalmente as que sonham em ter seus próprios boxes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Complexo do Ver-o-Peso possui um papel histórico e simbólico importante para a cidade de Belém do Pará, e, principalmente, para os feirantes informais que ali trabalham. Dentre esses, destaca-se o setor alimentício, popularmente conhecido como das “boieiras”, liderado por mulheres negras (pretas e pardas) e mães-solo, que tiram da feira o sustento diário de suas famílias, e que enfrentam diariamente obstáculos e percalços por serem mulheres, tendo suas atividades laborativas e familiares impactadas pela Covid-19 e, recentemente, pelas obras da COP 30.

Segundo o economista Fabrício Rebello e os engenheiros agrônomos Paola dos Santos e Marcos Antônio dos Santos (2021), o setor sempre sofreu com a ausência de políticas públicas referente à higiene, estrutura adequada, calor excessivo, insegurança no local e outros fatores que afastaram ou foram queixas constantes dos fregueses. O que contrasta com o apelo e a propaganda diária do Poder Público em enaltecer a feira e fortalecer o “orgulho paraense”, mas adota medidas e ações governamentais sem consultar os próprios feirantes que são responsáveis pela vida pulsante da feira.

Com a chegada da Covid-19, a situação piorou e o ritmo de funcionamento do setor e da feira em geral foi afetado drasticamente, fazendo com que fossem adotadas medidas sanitárias ainda mais rígidas, inclusive no manejo, no fornecimento e na entrega de comidas prontas para os frequentadores, ocasionando, inclusive, no fechamento das atividades laborativas no período mais crítico da doença, fazendo com que os feirantes adotassem estratégias para continuar comercializando e fornecendo os alimentos dentro ou fora do setor.

Para as feirantes desse setor alimentício, a adoção de alternativas de sobrevivência foi o caminho mais viável, como o trabalho “escondido”, recebendo auxílio de cestas básicas e a introdução no meio ambiente digital com a utilização de *delivery*, mas que, mesmo assim, trouxe dificuldades e estranhamentos diante da tecnologia, modificando ainda mais o ritmo agitado que a feira tem. Essas dificuldades impostas pela informalidade demonstram que a ideia de ser “dona do próprio negócio” mascara ainda mais a precarização do trabalho diante da impossibilidade em custear sozinhas seus próprios boxes e no pagamento de taxas de uso para o Poder Público municipal, sem nenhum tipo de retorno ou ajuda financeira.

No período “pós-pandêmico”, com a realização da COP 30, novas mudanças e conflitos chegaram, como o remanejamento do setor para a “feira provisória”, localizada no estacionamento do Ver-o-Peso, em que relataram mais problemas envolvendo, principalmente, o espaço, o ambiente e a temperatura elevada que interfere na saúde das feirantes e no trabalho na feira, afastando os clientes e fregueses do local.

Sendo assim, por serem vulnerabilizadas diretamente pela desigualdade social e de gênero, abandono estatal e precariedade do trabalho, as “boieiras” do Ver-o-Peso vivenciaram os impactos causados pela pandemia em suas vidas e ofícios. Além disso, a nova mudança advinda pela COP 30 já influencia a feira, que incide sobre as obras públicas locais que remanejaram o setor, causando outros transtornos e percalços referentes ao espaço pequeno, calor excessivo, divisão do setor inadequada, remodelação de estratégias de vendas e adaptação de clientes. Assim, as trajetórias de sucesso nem sempre atingem todas de forma igualitária no setor, em que muitas ainda sonham em serem “donas do seu próprio box”.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. *Feminismos Plurais*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, 152p.

AMADOR DE DEUS, Zélia Amador de. O corpo negro como marca identitária na diáspora africana. In: COLAB – Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e Desigualdades, XI, Salvador, 07 a 10 de agosto, 2011. *Anais [...]*, Salvador, BA: UFBA, 2011. Disponível em: <https://fenomenologiadadasolidariedade.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/11/1308245884_arquivo_corpocomomarcaidentitariaartigooversaofinal-zelia.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2024.

ANDRADE, Francisco. De símbolos da opressão a padrões de liberdade: a preservação de pelourinhos coloniais e o apagamento da memória da escravidão (sécs. XVI-XX). *Revista de História*, São Paulo, n. 181, p. 1-37, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/188402/184334>>. Acesso em: 27 mai. 2024.

BAÍÁ, Dayane. Trabalhadores informais e instituições recebem mais de 2 mil cestas de alimentos. *Agência Pará*. 06 abr. 2020. Disponível em: <<https://agenciapara.com.br/noticia/18844/>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

BARROSO, Suellen Andrade; ARAÚJO, Jordeanes do N. Entre símbolos e imagens: por uma crítica à noção de “cultura amazônica”. In: *Revista EDUC.Amazônia – Educação, Sociedade e Meio Ambiente*. Humaitá, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA. ISSN 1983-3423. Ano 3, vol. 2, jul-dez, 2010, pág. 44-56.

BELÉM. *Decreto Municipal nº 26579, de 14 de abril de 1994*. Dispõe sobre o funcionamento de feiras livres no Município de Belém. Belém: Prefeitura, [1994]. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/semaj/app/Sistema/view_lei.php?lei=26579&ano=1994&tipo=2#:~:text=Decreto%20Municipal%20N.%C2%BA%2026579,Bel%C3%A9m%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias>. Acesso em: 07 abr. 2022.

_____. *Lei nº 9.393, de 31 de julho de 2018*. Reconhece como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém, as Boieiras do Ver-o-Peso (vendedoras de refeição do Mercado Ver-o-Peso). Belém: Prefeitura, [2018]. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pa/b/belem/lei-ordinaria/2018/940/9393/lei-ordinaria-n-9393-2018-reconhece-como-patrimonio-cultural-de-natureza-imaterial-do-municipio-de-belem-as-boieiras-do-ver-o-peso-vendedoras-de-refeicao-do-mercado-ver-o-peso-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

_____. *Lei nº 9.395, de 31 de julho de 2018*. Reconhece como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém, os feirantes do Ver-o-Peso. Belém: Prefeitura, [2018]. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pa/b/belem/lei-ordinaria/2018/940/9395/lei-ordinaria-n-9395-2018-reconhece-como-patrimonio-cultural-de-natureza-imaterial-do-municipio-de-belem-os-feirantes-do-ver-o-peso-e-da-outras-providencias?r=p>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

BENTES, Raimunda Nilma de Melo. *Negritando*. Belém, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introd., org., sel. Sergio Miceli. 6ª ed., 1ª reimp. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CÂMARA, Flávia Danielle da Silva. *Mulheres negras amazônicas frente à cidade morena: o lugar da psicologia, os territórios de resistência*. 2017. 215 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPGP) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do

Pará, Belém, 2017. Disponível em: <<https://ppgp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Turma%202015/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Flavia%20C%C3%A2mara%202017>>.pdf. Acesso em: 12 out. 2024.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. vol. I, 6ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002, cap. 4.

CHAVES, Andréa Bittencourt Pires. Da Planta Taylorista/Fordista ao Capitalismo de Plataforma: as engrenagens da exploração do trabalho. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 6, e01963473, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i6.3473>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CONRADO, Mônica. Segunda geração de brasileiros em Paramaribo e jovens brasileiros em mobilidade: uma etnografia. *Amazônia Negra: imagens, narrativas e saberes em diálogo (e-book)*. Mônica Conrado, Thiane Neves Barros e Lorena Esteves (Orgs.). Castanhal: Monteiro Editora; Belém: NOSMULHERES, 2022, 120 p. Disponível em: <<https://www.ppgcom.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias/474-lancamento-ebook-amazonia-negra-imagens-narrativas-e-saberes-em-dialogo>>. Acesso em: 12 out. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Painel 1. Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem. 2004. Disponível em: <<https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2024.

D'ALMEIDA, Denilson. Aglomeração de feirantes e consumidores no Ver-o-Peso não para. *Diário do Pará*. 06 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/582070/aglomeracao-de-feirantes-e-consumidores-no-ver-o-peso-nao-para>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

DAS, Veena. Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India. In: *Oxford University Express*, 1995.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. 1ª ed. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

Feirantes do Ver-o-Peso utilizam o delivery para continuar as vendas durante pandemia. Jornal Liberal 1ª ed. Belém: TV Liberal, 17 jun. 2020. Programa de TV. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8632692/>>. Acesso em: 21 out. 2021.

G1 PARÁ. *Ver-o-Peso recebe Unidade Móvel do Sebrae*. 20 ago. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/especial-publicitario/sebrae-para/compre-do-pequeno-amazonia-market/noticia/2021/08/20/ver-o-peso-recebe-unidade-movel-do-sebrae.ghtml>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 92/93, 69/82, jan-jun 1988, p. 69-81.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Trad. Fátima Murad. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n° 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mapa da Distribuição Espacial da População Segundo Cor ou Raça – Pretos e Pardos – 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 1 p. Disponível em: <https://geofp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_do_brasil/sociedade_e_economia/mapas_murais/brasil_pretos_pardos_2010.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ver-o-Peso (PA). In: *Portal Iphan*, c2014. Página inicial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828>>. Acesso em: 30 out. 2021.

LEITÃO, Wilma Marques. Ver-o-Peso: um mercado de coisas boas e belas. In: *CINCCI - IV Colóquio Internacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem*. Uberlândia, 26-28 mar. 2013. Disponível em: <http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/019-wilma.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

LIMA, Jacob. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho?. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, n. 25, set./dez. 2010, p. 158-198.

MACIEL, Fabrício (col.). Batalhadores feirantes: O Ver-o-Peso de Belém e a Feira de Caruaru. In: SOUZA, Jessé *et al.* (Org.). *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?*. 2ª ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, v. 1, p. 149-172, cap. 5.

MEDEIROS, Jorge França da Silva. *As feiras livres em Belém (PA): possibilidades e perspectivas de (re)apropriação do Território na/da cidade*. 2010.

NASCIMENTO, Rebecca do *et al.* Feiras livres em tempo de pandemia: um estudo de caso do município de Belém-PA. In: *Paper do NAEA (472)*, 2020, vol. 29, nº1 (Dossiê Crise e Pandemia). Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/9324/6455>>. Acesso em: 19 out. 2021.

NOLETO, Rafael da Silva. Cor de jambo e outros matizes amazônicos: sobre a abolição da mulata e o advento da morena cheirosa nas festas juninas de Belém. In: *MANA* 24 (2), p. 132-173, ago. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/CctJcnSk9dMYch4RRTStRTs/?lang=pt>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

PINHEIRO, Tainara Lúcia; RODRIGUES, Carmem Izabel. Mediações visíveis na cidade: Olhares sobre o racismo em Belém do Pará. In: *Nova Revista Amazônica*. vol. VIII, nº 02, set. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/9372/6474>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

PIMENTEL, Dilson. Reforma do Ver-o-Peso deve ser concluída no primeiro semestre de 2024, diz prefeito. *O Liberal*. 27 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/reforma-do-ver-o-peso-deve-ser-concluida-no-primeiro-semester-de-2024-diz-prefeito-1.661950>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

PIRES, Válber de Almeida. *Nova informalidade entre os vendedores autônomos do centro comercial de Belém do Pará e o caso do Espaço Palmeira*. 2014. 383 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Pará, p. 44-45, Belém, 2014.

PUCRS. *Dia da Amazônia: maior floresta tropical do mundo contribui para a regulação do clima*. 05 set. 2024. Disponível em: <<https://portal.pucrs.br/blog/dia-da-amazonia/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco. *Sociologia do Trabalho*. RJ: Zahar, 2004.

REBELLO, Fabrício Khoury; SANTOS, Paola Côrrea dos; SANTOS, Marcos Antônio Souza dos. Boieiras do Ver-o-Peso: tradição, cultura e valores não econômicos da culinária regional na mais importante feira da Amazônia brasileira. *Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia*, n. 50, 2021. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/37200>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

RODRIGUES, Carmem Izabel; BORGES, Marcos Trindade. Economia informal no bairro do Juru-nas, Belém (PA). *28ª Reunião Brasileira de Antropologia*, GT 02, 02 a 05 jul. 2012. São Paulo – SP, Brasil.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob o regime de escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Universidade Federal do Pará (Coleção Amazônica, Série José Veríssimo), 1971, 2ª parte.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: SCOTT, Joan. Gender: a useful category of history analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press, 1989, p. 1-35.

SENA, Ana Laura dos Santos. Dimensões da informalidade em Belém. *Novos Cadernos NAEA*, vol. 2, nº 2, dez. 1999. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/3130/1/Artigo_DimensoesInformalidadeBelem.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. 14ª ed., Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2009.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). *Caderno CRH*, Salvador, n. 37, p. 81-109, jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18603/11977>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SILVA, Marley Antonia Silva da. *Nas correntes do atlântico norte e sul: tráfico de escravizados para Belém do Grão-Pará (1777-1841)*. 2020. 237 f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: <https://pphist.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses/2020/SILVA_Marley_Tese.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

SILVA, Mayara de Oliveira. *Nas veredas da sobrevivência: Mulheres no setor informal na feira do Ver-o-Peso em Belém do Pará*. 2021. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, p. 50-52, Belém, 2021.

SILVA, Tiago Luís Coelho Vaz. *Ver-a-cor: um estudo sobre as relações sociais no mercado do Ver-o-Peso em Belém (PA)*. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, p. 74. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89854/246840.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

SIMMEL, Georg. O problema da sociologia. In: *Sociologia*. Evaristo de Moraes Filho (Org.); Florestan Fernandes (coord.). Editora Ática, SP, 1983.

SOUSA, Erika de. *et al.* Prospecção socioeconômica em feiras livres: o caso do Complexo do Ver-o-Peso, Belém, Pará, Brasil. In: *Revista Espacios*. v. 38, nº 36, ano 2017, p. 5. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a17v38n36/a17v38n36p05.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

UOL. *Belém faz testagem em massa em comércio para medir índice de contaminados*. São Paulo, 02 jul. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/07/02/bel-em-40-de-contaminados-em-testagem-aposta-em-imunizacao.htm>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. Trad. Antônio Carlos Pinto Peixoto. In: *O fenômeno urbano*. Org. e Introd. Otávio Guilherme Velho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 68-89.

WERNECK, Jurema. Impactos da covid-19 na comunidade negra, com destaque para a vida das mulheres. *Anistia Internacional*. 23 ago. 2021. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cssf/arquivos/23-08-2021-covid19-na-comunidade-negra-jurema-werneck>>. Acesso em: 12 out. 2024.